

A ABORDAGEM BIOGRÁFICA, INSTRUMENTO DA PESQUISA EDUCACIONAL E DA FORMAÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA DE CHICAGO E DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

THE BIOGRAPHICAL APPROACH, TOOL OF EDUCATIONAL RESEARCH AND TEACHER TRAINING: CONTRIBUTIONS OF CHICAGO SCHOOL AND SYMBOLIC INTERACTIONISM

José Batista Neto - Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

Eliete Santiago - Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

Resumo

Perspectivas, métodos e técnicas ajustados à construção compreensiva de conhecimentos de questões educacionais, em que se destaca a abordagem biográfica, têm ganhado relevo na pesquisa educacional. A renovação teórico-metodológica atinge também o campo da formação de professores. Esse fenômeno pode encontrar explicação em elementos históricos, sociológicos, científicos, relativos à constituição do estatuto epistemológico do campo da Educação. O texto examina aspectos teóricos e metodológicos da abordagem biográfica enquanto um instrumento de pesquisa educacional e de formação docente. O estudo do itinerário epistemológico dessa abordagem põe em evidência as contribuições da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico, com foco no significado dos construtos teóricos que podem fomentar um maior desenvolvimento da pesquisa educacional e da formação de professores.

Palavras chave: Abordagem Biográfica – Escola de Chicago – Interacionismo Simbólico.

Abstract

Perspectives, methods and techniques adjusted to the comprehensive construction of knowledge of educational issues, which include the biographical approach, have gained importance in educational research. The theoretical and methodological renovation also entails the Teacher Education field. This phenomenon can be explained by historical, sociological and scientific elements related to the constitution of the epistemological statute of the education field. This work investigates theoretical and methodological aspects of the biographical approach as an instrument of educational research and teacher training. The study of the epistemological itinerary of this approach highlights the contributions of the Chicago School and the symbolic interactionism, focusing on the significance of theoretical constructs that can foster further development of educational research and teacher training.

Keywords: Biographical Approach - Chicago School - Symbolic Interactionism.

1. Introdução

A pesquisa educacional, ao longo do último meio século, adotou a abordagem qualitativa como opção preferencial para seus vários domínios (Gouveia, 1976, Gatti, 1983, 1987, 2004; Ludke, 1988; Alves-Mazzotti, 2001; André, 2003). Esse movimento tem favorecido a escolha de perspectivas, métodos e técnicas de pesquisa ajustados à construção compreensiva de conhecimentos de questões educacionais, em que se destaca a abordagem biográfica. O campo da Educação tem assistido, nas últimas décadas, a um interesse crescente, na pesquisa como na formação, por “conhecer os ‘mundos vividos’ pelos sujeitos, assim como, perceber a articulação entre as ações por eles exercidas e suas vidas” (TEODORO, 2004, p.20). Esse fenômeno pode encontrar explicação em elementos históricos, sociológicos, científicos, relativos à constituição do estatuto epistemológico do campo da Educação.

É importante assinalar, de um lado, os efeitos da implantação e consolidação da formação em nível de pós-graduação (*lato e stricto sensu*) nos campos das Ciências Humanas e Sociais. Merece registro a progressiva e consistente contribuição dos cursos e programas de pós-graduação para o desvendamento da realidade brasileira desde meados do século passado (WEBER, 1999). Um maior conhecimento dessa realidade em suas múltiplas dimensões tem sido possível ao mesmo tempo em que se observa uma tendência que coloca a pesquisa de corte empírico e analítico como um instrumento essencial à produção do conhecimento social. Simultaneamente, a intensificação de trocas acadêmicas tem favorecido a circulação de pesquisadores sociais entre diversos centros universitários do país e do exterior, o que permite a incorporação de novas problemáticas, novas abordagens, novos objetos e novas metodologias.

Problemáticas relativas à subjetividade dos sujeitos, ao imaginário social, às representações sociais e à identidade fizeram sua aparição e instalaram-se em definitivo no cenário das pesquisas sociais. No que concerne à metodologia, é cada vez mais frequente a utilização, não sem riscos, de técnicas de pesquisa qualitativa, baseadas na investigação aprofundada com um pequeno número de atores sociais. Como adverte Ana Sofia António (2004, p.99), a história de vida, a biografia e a entrevista em profundidade são exemplos dessa tendência e têm se constituído em instrumentos privilegiados de análise da realidade para a pesquisa social em geral, e, em particular, das pesquisas históricas¹ e sociológicas.

O mesmo fenômeno pode ser observado em relação à pesquisa educacional (GATTI, 1987 e ALVES-MAZZOTTI, 2001). Investigações de abordagem qualitativa em vários de seus domínios, servindo-se de metodologias do mesmo corte, começam a aparecer a partir do final dos anos 1980, visando dar conta dos atores sociais e suas práticas educativas como objetos de estudo. Desde então, surge um vivo interesse pela narrativa que elaboram os atores em relação à vida cotidiana, ao desenvolvimento pessoal, às relações familiares, à carreira profissional e ao meio social e cultural em que o indivíduo se insere (ANTÓNIO, 2004, p.100). A narrativa fornecida registra não somente informações objetivas (tempo, espaço,

1 Os trabalhos de Antônio Montenegro, que têm como objeto de pesquisa os antigos moradores e líderes comunitários de bairros populares do Recife, representam um exemplo do que assinalamos. A justo título, podemos citar: Casa Amarela, memórias, lutas, sonhos (1988), Bairro do Recife. Porto de muitas histórias (1989) e História oral e memória. A cultura popular revisitada (1992). Nessa mesma linha, a Revista Brasileira de História, periódico oficial da ANPUH (Associação Brasileira de História) publicou volume temático com o título evocativo de Biografia, biografias, em 1997. O interesse não cessou desde o final dos anos 1980, momento em que emergem esses estudos, com diversidade de linha de pesquisa e ampliação temática.

personagens, cenário, enredo, desfecho) sobre acontecimentos como o significado que os atores a eles atribuem, abrindo espaço para significados antes ignorados.

A renovação teórico-metodológica atinge também o campo da formação. Técnicas do método biográfico passam a ser adotadas em atividades de formação inicial e continuada de professores². A emergência de práticas relacionadas com o método biográfico no cenário da formação de professores parece ser uma evidência do reconhecimento do potencial e valor social de material biográfico em processos formativos.

O presente texto interessa-se pela emergência da abordagem biográfica enquanto um instrumento de pesquisa educacional e de formação docente. Ele examina aspectos teórico-metodológicos dessa abordagem, com foco nas contribuições da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico. Inicia-se com a análise do crescente interesse social pela biografia na sociedade moderna. Em seguida, descreve as origens do método biográfico e as contribuições das primeiras gerações da sociologia de Chicago. Interessa-se depois pelo aporte do interacionismo para o avanço do método a partir do desenvolvimento de pesquisas com base em enfoques teóricos (modelos de análise e conceitos) renovadores.

2 Diversos componentes curriculares do curso de Pedagogia passam a explorar atividades de análise das lembranças e da memória escolar e profissional na formação de docentes para magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Programas Especiais de Formação de Professor, a exemplo do PROGRAPE (Programa Especial de Graduação em Pedagogia do Estado de Pernambuco) adota o uso do memorial no processo seletivo para o ingresso no Programa e em suas atividades formativas. Processos de formação continuada, inspirados em concepção que toma o professor, a prática docente e a escola como conteúdos centrais dessa formação, têm buscado, cada vez mais, utilizar lembranças de situações educativas e de ensino anteriores e atuais de modo a permitir a reflexão, pelo professor, sobre sua própria prática.

2. A biografia como questão social

No Brasil, como em muitos outros países, o interesse social pelas biografias não cessa de crescer³. O fenômeno chega a parecer paradoxal, à medida que, na sociedade moderna, ele desenvolve-se, mas, de forma inversamente proporcional, assiste-se à evolução de modos de vida que se caracterizam pelo individualismo exacerbado e pela segregação. Logo, é curioso que em uma sociedade cada vez mais decidida a preservar e até sacralizar os espaços privados, um número crescente de pessoas se sintam estimuladas a confessar publicamente seus itinerários de vida, por meio de detalhados relatos. Parece até existir, nesse caso, uma espécie de consentimento

3 O Brasil tem produzido cada vez mais no gênero. Desde meados dos anos 1980, jornalistas têm explorado este gênero literário, destacando-se os nomes de Fernando Morais e de Ruy Castro, responsáveis pelo franco sucesso desse gênero textual no jornalismo brasileiro, bem como pela produção de alguns *best sellers*. O primeiro é autor das biografias de uma militante comunista (Olga, 1985) e de um influente empresário do setor das comunicações, Assis Chateaubriand (Chatô, o rei do Brasil, 1994) e do visionário militar, Casimiro Montenegro Filho (Montenegro: as aventuras do Marechal que fez uma revolução nos céus..., 2006), mais conhecido como Marechal Montenegro, responsável por façanhas como a viagem inaugural, em 1931, da missão do Serviço Postal Aéreo Militar, hoje Correio Aéreo Nacional. Em Corações sujos (2000), Fernando Morais investiga a Shindô Remmei, ou Liga do Caminho dos Súditos, que acreditava na vitória japonesa, mesmo após o término da Segunda Guerra, sendo exemplo de biografia de grupo. Ruy Castro notabilizou-se, entre outros trabalhos, por ter escrito sobre as vidas do dramaturgo Nelson Rodrigues (O anjo pornográfico, 1993), do jogador de futebol Garrincha (Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha, 1996) e da cantora Carmem Miranda (Carmem, uma biografia, 2005). Tratou o gênero também através de biografia de grupos, ao abordar o movimento da bossa nova em Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova (1990). A biografia do Barão de Mauá, escrita por Jorge Caldeira (Mauá: empresário do Império, 1995), a do notável compositor da bossa nova, escrita por sua irmã Helena Jobim (Antonio Carlos Jobim, 1997) e a do roqueiro Agenor Araújo, escrita a quatro mãos, por sua mãe Lucinha Araújo e pela jornalista Regina Echeverria (Cazuza. Só as mães são felizes, 1997), merecem também ser registradas.

que ocorreria simultaneamente com a midiática da vida em sociedade.

A importância atual assumida pela Mídia leva a crer existir uma situação em que os fatos só assumem sentido em função de sua midiática, fenômeno denominado por Patrick Champagne (1993) de “fabricação do evento”. A justo título, Champagne (1993, p. 61) adverte que os “problemas sociais só têm existência visível quando os meios de comunicação falam deles, isto é quando eles são reconhecidos como tal pelos jornalistas”. Nesse sentido, a sociedade moderna parece estimular o gosto pela exposição, pela exibição pública, que traduz a importância de modelos sociais centrados na pessoa, **nos quadros fundados em prática marcadas** pelo individualismo, o que, no limite, pode conduzir à entronização do ideal narcísico como valor social.

O fato é que, oficial ou oficiosamente, legítima ou ilegitimamente⁴, políticos de expressão nacional ou regional, pessoas reconhecidas no campo social, do *high society* e *stars* do *show biz*, têm, de forma generosa, fornecido relatos minuciosos de suas histórias familiar, escolar e profissional, adornados com passagens quase obrigatórias por episódios da vida íntima, no desejo, talvez, de perpetuarem sua existência.

O gosto por contar sua vida pode tocar igualmente o cidadão comum. Redes de televisão têm sido pródigas em propor programas de entrevistas em que convidados narram suas vidas, com a finalidade de manter ou de elevar os índices, e não

4 A imprensa tem, frequentemente, assinalado a produção de biografias não autorizadas, elaboradas por parentes ou por pessoas que, num dado momento, partilharam da intimidade daquele de quem se conta a vida. Não raro, tais publicações são objeto de interdições judiciais que decretam a supressão parcial ou integral do texto, dando mostras dos interesses em jogo. Não faz muito tempo, o Congresso Nacional foi chamado a legislar sobre a matéria, com grande repercussão, em vista das restrições e do conflito com a liberdade de expressão, que a ação legislativa imporia.

necessariamente os níveis, de audiência. Uma tradução exata deste fenômeno são as emissões do tipo *reality show*, cada vez mais em alta na mídia eletrônica, em diversos países.

Produzir uma história de vida, dar forma a uma biografia, não se limita ao ato de registrar uma narrativa. Essa prática talvez evidencie o que há de mais visível ao se narrar uma vida. Ditisheim (1993, p.295) sustenta que o indivíduo ao narrar sua vida toca em questões profundas, pois, mesmo sem perceber e sem conhecer os domínios ou modos de uso, se sente intuitivamente confrontado a alguma coisa que diz respeito a sua intimidade, a sua esfera privada. Assim, não raro, indivíduos biografados certificam a gama de sentimentos mobilizados ao pronunciar sua narrativa, sentimentos que vão do mal-estar ao prazer, do embaraço ao desafogo, do constrangimento à libertação, sem esquecer as injunções da gestão do *day after*.

Se o ato de relatar a vida mobiliza sentimentos e interesses, é porque sua produção não é ato social neutro nem isento. Bourdieu (1986, p.71), a justo título, com o objetivo de delimitar o território do relato de vida, propõe que ele

tende a se aproximar do modelo oficial da apresentação oficial de si, da carteira de identidade, do registro civil, do curriculum vitae, da biografia oficial e da filosofia da identidade que a subjaz, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da confiança que ocorre em mercados protegidos.

Com efeito, o relato de vida, do qual resulta a história de vida, mobiliza sentimentos e interesses em vários níveis e é portador de conteúdos identitários significativos. Isso talvez tenha colaborado para que o interesse das Ciências Sociais e

Humanas fosse suscitado. Como se sabe, no campo acadêmico, são os etnólogos os primeiros a se interessarem pela história de vida⁵. Só mais tarde é que ela é admitida pelos sociólogos, que passaram a considerá-la como objeto singular de estudo⁶ (LECLERC-OLIVE, 1993), em relação ao qual propuseram um método apropriado. É nesse sentido que Bourdieu (1986, p.69) lembra que “a história de vida é uma das noções do senso comum que entraram por contrabando no universo erudito”.

O interesse *vis-à-vis* o método biográfico remonta aos primórdios da sociologia empírica (PENEFF, 1990), o que remete nossa análise, em primeiro lugar, às primeiras décadas do século XX, período de surgimento da Escola de Chicago. Sociólogos dessa Escola, sobretudo os das duas primeiras gerações, foram os primeiros a reconhecer o valor epistemológico e metodológico dos relatos de vida, sendo responsáveis por um uso sistemático. Foi necessário, no entanto, esperar a primeira metade dos anos 1970 para que o interesse se renovasse. Desde então, constata-se uma utilização crescente de relatos e de histórias de vida, individuais e de grupos, pela pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais.

3. O método biográfico e a Escola de Chicago

Foi graças à Escola de Chicago que o método biográfico tornou-se um instrumento de pesquisa utilizado ao lado de outros, notadamente a observação. O uso

da biografia⁷ teve como precursores Robert Park e William Thomas. Como consequência de uma concepção particular de pesquisa sociológica e de formação do sociólogo, Park, principalmente, deu um sentido próprio a esse método, utilizando-o em situações formativas. É nessa perspectiva que nunca foi estranho a uma certa sociologia empírica o uso de relato de vida pela pesquisa e pela formação, a despeito de esse fato só vir a ser reconhecido e a se consolidar mais recentemente.

Park defendia que a formação deveria permitir ao estudante experimentar e confrontar-se com o mundo real, em lugar de tão somente discutir as representações que outros a ele conferiam. Essa ideia o faz, por exemplo, propor ao estudante abandonar a biblioteca, estimulando-o a ir a campo, a fim de “sujar-se” com as práticas sociais. “*Sujem suas mãos, sujem suas calças*”, era sua fórmula fetiche. Park, citado por Peneff (1990, p.51), afirma:

Disseram-lhe para ir explorar cuidadosamente a biblioteca e para acumular uma massa de notas a partir de arquivos empoeirados. Disseram-lhe para escolher estudar qualquer problema à condição de poderem encontrar, dispostos em boa ordem, documentos mofados, preparados por burocratas cansados e preenchidos por funcionários indiferentes. Chamamos-lhe a isso: sujar as mãos fazendo pesquisa. Estes que lhes aconselham são sábios e respeitáveis. As razões que eles apresentaram são válidas. Mas, uma coisa é ainda in-

5 Ditisheim (1993, p.303) admite que se “encontra na literatura diferentes termos (história de vida, biografia, relato de vida) que, ainda que eles se refiram à história pessoal dos indivíduos, definem geralmente situação de pesquisa e de formação distintas”.

6 Leclerc-Olive (1993) aponta que o uso dos relatos biográficos pela sociologia conduz essa disciplina a considerar os objetos singulares que são os itinerários de vida de pessoas entrevistadas.

7 A biografia pode ser entendida, de um lado, como a narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem, isto é, a história da vida de alguém. Por outro lado, o termo alude a um gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de uma personagem (cf. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). O termo pode designar, assim, a narração da vida, o acontecer fático na vida e o gênero literário que se ocupa da narrativa da vida.

dispensável: a observação de primeira mão. Ide e observai os salões dos hotéis de luxo ou os abrigos noturnos. Sentai nos sofás das residências, mas também sobre os tapetes de palha dos casebres. Enfim, jovens, sujem as calças fazendo a verdadeira pesquisa.

Essa concepção de formação supõe uma prática pedagógica baseada na observação, na coleta de dados, com o uso de instrumentos diversos. Tais ideias resultam em um programa de trabalho no qual o estudante, em situação de formação de pesquisa, em lugar de se servir tão somente de fontes secundárias, é convidado a produzir dados a partir dos quais poderia elaborar suas próprias análises da realidade social. Dentre tais documentos, chama atenção a produção de autobiografias colhidas pelos próprios estudantes.

As autobiografias, assim como as biografias, constituem documentos anexos aos registros de observação. Acompanham também levantamentos de dados relativos à genealogia e fluxos de mobilidade ou ainda a coleta de testemunhos de outras pessoas que tenham relação com o vivido relatado. Assim, tendo em vista o interesse dos sociólogos da primeira geração de Chicago pelos imigrantes, subproletários e delinquentes, Park e seus estudantes confrontam-se com problemas relativos ao sentido das palavras, advindos do uso de gíria e da língua estrangeira, presentes em situações de interação verbal, como a da entrevista biográfica, procedimento pelo qual eram colhidos os testemunhos. Chanfrault-Duchet (1988) foi um autor que se interessou particularmente pelo estudo desse tipo de problema, ao qual denominou de “sistema interacional de relato de vida”.

A abordagem biográfica foi assim, pouco a pouco, se formando e se firmando naquelas primeiras décadas do século

passado. Seu interesse centrava-se na produção de documentos e na interpretação de histórias individuais, ainda que tentativas de interpretação transversal de narrativas que tivessem sido praticadas. Nesse último caso, diversos relatos de vida foram reunidos de forma a possibilitar o estudo de grupos de indivíduos vivendo uma mesma situação, constituindo-se assim os primeiros ensaios do que veio a se constituir, mais recentemente, uma das formas de utilização do método biográfico: a história de vida em grupo (LE GRAND, 1988, p.3).

Pelo viés das autobiografias, os precursores de Chicago pretendiam mostrar aos estudantes, pesquisadores em formação, a diversidade de modos de vida, de formas de reagir às regras sociais e, principalmente, de sentir e interpretar os processos sociais. Isso talvez possa ser considerado como uma das contribuições da primeira geração da Escola de Chicago nesse domínio⁸. Park, além de estimular a produção de autobiografias, lê e comenta inúmeras biografias durante suas aulas, sublinhando principalmente o sentido dos relatos de vida. Desvela o valor das fontes primárias, dos dados de base para uma investigação formal e sistemática. Discute, nesse contexto, uma questão que se tornaria, mais tarde, um tema obrigatório entre os usuários do método: a definição de situação em entrevista biográfica⁹. Aspectos, como tempo, lugar, presença e intervenção de terceiros, são postos em evidência e discutidos, bem como as dificuldades advindas da barreira da língua.

8 Conforme Peneff (1990, p.66), “A insistência com a compreensão da situação pelos atores e as interações entre protagonistas é um dos aspectos que testemunham da influência de G. Mead (amigo de Park e professor no Departamento de Filosofia) sobre a Escola de Chicago”.

9 Diversos autores, tais como, Bertaux (1988), Chanfrault-Duchet (1988), Simioni (1988), Peneff (1990), Leclerc-Olive (1993), mostraram grande interesse sobre o tema.

A formação de sociólogo apoiada no uso de relatos de vida, preconizada por Park, propunha, além disso, a experiência do distanciamento em relação ao mundo sobre o qual se narra, condição para que o estudante tome consciência da diversidade de que se constitui a sociedade. Nesse sentido, defendia a necessidade do formador levar o formando a afastar-se do mundo restrito em que vive, cujo passo importante seria fazê-lo ver sua vida com certo distanciamento, o que poderia ser obtido com a escrita de sua autobiografia ou da história de sua família. Uma das condições de aplicação do método, na perspectiva da primeira geração de Chicago, estava posta: o distanciamento para a reconstrução biográfica.

Ao compor um programa de trabalho, nos quadros de um método de formação do sociólogo, o relato de vida, em suas formas autobiográfica e biográfica¹⁰, torna-se, nesse primeiro momento, um meio pedagógico, ao mesmo tempo em que se constitui um instrumento de pesquisa, tendo em vista a análise da realidade social. É ouvindo relatos de indivíduos sobre suas próprias vidas que se busca ensinar noções como a de “itinerário” e os conceitos de “trajetória” e “carreira”. O sentido e as vantagens do método biográfico conhecem então suas primeiras definições (BECKER, 1986).

Na seqüência das primeiras experiências de pesquisa sociológica, a Escola de Chicago produziu, entre 1920 e 1940, uma vintena de obras, nas quais o método biográfico teve presença garantida

apenas em um número reduzido de pesquisas, o que não diminuiu de nenhuma maneira sua importância enquanto inovação metodológica no seio da sociologia e inovação pedagógica no campo da formação. Estudiosos dessa corrente do pensamento sociológico asseguram e confirmam essa posição. Conforme Peneff (1990, p.57), “Seria errado isolar a autobiografia de outras técnicas de pesquisa praticadas em Chicago [...] As autobiografias foram utilizadas ao mesmo tempo em que outras técnicas e jamais constituíram um procedimento secundário.”

As pesquisas em tela debruçam-se sobre as vidas de grupos excluídos, como *gangsteres*, ladrões, prostitutas, membros de famílias de imigrantes e de famílias de negros do Sul dos Estados Unidos. Em algumas dessas investigações, o uso de dados primários, necessários à reconstrução do passado e obtidos a partir de relatos de vida individuais ou de grupos¹¹, é contrabalançado pela exploração de outros dados ditos objetivos (estatísticas oficiais, por exemplo). No caso dos *gangsteres*, fica bem evidente a importância de dados recolhidos por meio de relatos biográficos para a análise da formação dos bandos e da carreira de seus membros e para a descrição de seu cotidiano. Os dados produzidos a partir da perspectiva do “indígena” fariam contraponto às estatísticas oficiais, aos relatórios de órgãos estatais de repressão e à imagem transmitida pela imprensa.

Observa-se, assim, na utilização que a primeira geração de sociólogos de Chicago faz do método biográfico, uma preferência por uma perspectiva de análise desde o “interior”, isto é, uma análise que toma o ponto de vista do ator social como ponto de partida, em oposição a um ponto de vista

10 Encorajados por Park, dois de seus discípulos de origem negra, Frazier e Johnson, promoveram pesquisas sobre populações negras de Chicago e nas grandes propriedades do Sul dos EUA. A pesquisa de Johnson não somente produziu biografias de famílias, mas pôs em evidência diferentes percepções de uma mesma situação familiar, a partir de testemunhos de vários de seus membros. Johnson trabalhou ainda sobre relatos de vida de velhos agricultores, descendentes de escravos, junto aos quais pode recolher lembranças do tempo da escravidão.

11 A autobiografia pode ser entendida aqui, ao mesmo tempo, como documentação produzida e instrumento de compreensão da vida social dos indivíduos. Assim como a biografia, é uma narrativa em que a vida é tomada como objeto.

“exterior”¹². Essa perspectiva vai ao encontro do que, mais tarde, observam Blanchet e Gotman (1992, p.6), para quem por o foco no ponto de vista do ator social significa reconhecer o valor das representações subjetivas para a compreensão da situação. Segundo esses autores, (op. cit., p.16) “essa atenção às representações do indivíduo guarda relação com a posição filosófica de Dilthey sobre o conhecimento do mundo humano. Para Dilthey, contrariamente ao mundo natural que é acessível do exterior, o acesso ao mundo humano só é possível se partirmos do interior”.

Compreender o modo como os atores, eles mesmos, percebem os eventos que vivem e a maneira pela qual interpretam as situações era o que os precursores da sociologia de Chicago defendiam. Donde a necessidade de se acordar um maior valor aos documentos produzidos no curso das atividades cotidianas. Nesse sentido, os contatos diretos entre o sociólogo e os indivíduos ou grupos participantes de estudos, o conhecimento de sua língua, a consulta a arquivos com documentos administrativos e de associações e, sobretudo, a documentos pessoais (cartas trocadas, relatos autobiográficos) teriam maior importância que respostas a questionários aplicados, que relatórios e estatísticas oficiais, na medida em que os primeiros mostrariam melhor as percepções que os indivíduos possuem das situações vividas. Ao centralizar seu interesse nas fontes primárias para realização de seus estudos, tais pesquisadores emprestam, por assim dizer, certo traço “naturalista” a sua perspectiva teórica do método biográfico.

12 W. Thomas sustenta em uma de suas pesquisas (1918) sobre famílias polonesas, migrantes para os EUA, que o importante é “o conhecimento do interior”. Portanto, admite ser um erro apoiar um estudo sobre um único tipo de documentação, sobre uma única fonte de informação, o que sugere uma crítica aos trabalhos sociológicos baseados em documentos oficiais.

O interesse por esse tipo de documento possibilitou que fossem postos os fundamentos das noções de itinerário¹³, de trajetória¹⁴, de história de vida e do conceito de carreira¹⁵, construtos que décadas mais tarde vieram a ter grande importância para os estudos sociológicos, antropológicos e educacionais.

A contribuição da Escola de Chicago para a construção do método em questão é inegável. Como já sublinhamos, seria um erro pensar que dados de naturezas diversas (relatórios oficiais, quadros estatísticos, etc.) e outros procedimentos de pesquisas não foram utilizados. Entretanto, não há como negar que foi a sociologia de Chicago que chamou atenção para o valor e para a importância do uso de documentos pessoais na produção de conhecimentos sociais (sociológicos, antropológicos e educacionais), tendo sido a partir dela que se passou a explorá-los de forma sistemática.

A construção de um princípio metodológico baseado na compreensão da situação pela via do ator social e na importância da interação entre pesquisador e sujeito da pesquisa é outra contribuição. O fato é que, dando a palavra aos atores,

13 Conforme Plaisance (1992, p.328), um “itinerário indica o caminho de um lugar a outro, mas também os lugares por onde se passa. É, portanto, a imagem do caminho, mas também das etapas sucessivas do caminho que é sugerida”. A definição de Peneff (1990, p.57) é próxima à de Plaisance, visto que para o primeiro o itinerário é entendido como um percurso tomado assim como etapas da vida pessoal que tiveram lugar.

14 Bourdieu (1986, p.71) designa a trajetória “como série de **posições** sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço, ele mesmo, tornado e submetido a incessantes transformações”.

15 Para Everett Hughes, citado por Xavier de Brito (1991, p.287), carreira é definida do ponto de vista subjetivo do desenvolvimento do indivíduo, logo absolutamente no sentido adotado pela Escola de Chicago, isto é, como “a perspectiva segundo a qual uma pessoa percebe sua vida como um conjunto e interpreta o sentido de seus numerosos atributos, ações e eventos que lhe acontece”.

essa sociologia torna visível a existência de diferentes interpretações de uma mesma situação, pondo em questão a força de uma sociologia “única”, “total”, que emerge de análises exclusivas de dados ditos objetivos, originários de fonte oficial.

4. O método biográfico e a sociologia de Everett Hughes

Considerado como um dos notáveis da Escola de Chicago, Everett Cherrington Hughes¹⁶ é tido igualmente como um dos elos entre os fundadores (Park, Thomas, Burgess e Mead) e os interacionistas simbólicos, a exemplo de Erwin Goffman e Howard Becker, esses últimos sociólogos formados nas décadas de 1940 e 1950 pela Universidade de Chicago.

Hughes mostrou seu interesse pelo método biográfico em dois ensaios consagrados ao conceito de “carreira”¹⁷. No mais antigo desses ensaios, “Carreiras, ciclos e ponto de inflexão da existência”, ele se serve da noção de “ciclo” e suas derivações (“ciclo natural”, “ciclo de vida biológica” e “ciclo das posições sociais”) para elaborar seu conceito de “carreira”. A noção de ciclo envolve uma concepção de vida entendida como uma totalidade constituída de etapas sucessivas, ordenadas através do tempo. Hughes parece concordar com a tendência

16 Everett C. Hughes (1897-1983) foi um dos mais importantes cientistas sociais americanos, expoente da segunda geração da “Escola de Chicago”. Estudou entre 1923 e 1928 no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, tendo sido aluno de Robert E. Park. Foi, por sua vez, professor de sociologia nessa universidade entre 1938 e 1961, tornando-se referência fundamental para a geração seguinte da “Escola”, da qual fizeram parte Erving Goffman e Howard S. Becker, entre outros. Em 1963, foi presidente da American Sociological Association. Pesquisou e escreveu sobre muitos temas, como instituições, ocupações e relações raciais.

17 “Cycle, Turning points and Careers” (1950) e “Careers” foram publicados em 1967. Segundo Chapoulie (1996, p.175), esses textos teriam sido redigidos no final dos anos 1950.

existente em nossa sociedade de querer ordenar a vida em etapas sucessivas e em relação à escola e ao *métier*¹⁸. Tal concepção é próxima ao que Bourdieu (1986) afirma em relação a esse mesmo conceito. Observa, porém, que a vida escolar e profissional não representa mais que um dos momentos da vida humana, uma vez que advoga uma concepção de carreira que compreende a totalidade do ciclo biológico do ser humano. Assim, do nascimento à morte, da infância à velhice, o ser humano vence diversas etapas, que, ordenadas, constituem a carreira de um indivíduo.

As etapas do ciclo biológico ganham, no entanto, uma significação particular em função da cultura onde se dá o vivido. “As culturas distinguem e interpretam à sua maneira o ciclo biológico do ser humano”, afirma Hughes (1996, p.166). Ritos são instituídos e marcam a transição de uma etapa a outra, de um estatuto a outro (da infância à adolescência, da adolescência à idade adulta, etc.), mas também de uma posição social a outra (da inatividade à vida ativa, da vida ativa à aposentadoria), revestindo assim os diversos momentos da vida de importância e sentido.

Entretanto, o ciclo das posições sociais pode não corresponder exatamente ao ciclo da vida biológica, uma vez que varia de acordo com a cultura e a sociedade, em função de diferenças e mudanças sociais. Na sociedade moderna, por exemplo, mudanças sociais tornaram difíceis uma delimitação clara dos momentos de transição ou a identificação da passagem de uma etapa do ciclo a outra.

Em nossa sociedade, acontece de um estudante receber um diploma universitário ou profissional em uma cerimônia assistida por seus próprios filhos; um

18 Como se sabe, foi no seio da sociologia das profissões que o conceito de “carreira” teve origem (XAVIER DE BRITO, 1991, p.286).

médico, em geral, não ganha o suficiente para o sustento de sua vida antes dos trinta anos – é, portanto, difícil de determinar quando termina a infância, onde começa e termina a adolescência, e onde começa verdadeiramente a idade adulta. O esboço de passagem à idade madura, com seus riscos, foram modificados por mudanças tecnológicas e sociais. As funções da velhice jamais foram, talvez, tão pouco claramente definidas [...]. (HUGHES, 1996, p.168)

Um outro aspecto sublinhado por Hughes (1996, p.165) refere-se ao caráter singular da carreira. Porém, mesmo admitindo a singularidade de cada carreira, defende a ideia de que “a vida dos indivíduos desenvolve-se segundo uma certa ordem”. Ordem que é “em parte, escolhida, manifesta, desejada e institucionalizada; mas que tem, por outro lado, existência fora de interesses conscientes, até que uma pesquisa a evidencie”.

Observa ainda que a vida está submetida às influências, às pressões das circunstâncias que advêm de um tipo de evento que, por seu caráter, faz povoar a carreira de imprevistos, de irregularidades e do aleatório. São os eventos “choque”, pontos de inflexão na vida, momentos de crise que arrastam os indivíduos da rotina.

Em seu segundo ensaio, “Carreiras”, Hughes afirma o caráter polissêmico do termo. Sua argumentação retém, no entanto, um sentido que diz respeito mais ao mundo do trabalho. Assim, carreira designa “o percurso seguido por uma pessoa ao longo de sua vida, e mais precisamente ao período de sua vida durante o qual trabalha” (1996, p.175). Isto dito, teremos que toda e qualquer pessoa possui uma carreira, sendo a biografia seu estudo monográfico.

Nesse mesmo ensaio, Hughes recomenda algumas precauções de ordem metodológica. Considera, por exemplo,

que uma carreira está submetida às tensões entre o imprevisível, o arbitrário e suas regularidades. A esse respeito, afirma “o estudo de carreiras tem por objeto a dialética entre o que é regular e recorrente, de um lado, e o que é único, de outro” (1996, p.176). Isto porque, sendo um objeto social, a carreira situa-se no ponto de encontro entre o que é estável, mas que sofre mudanças na sociedade, e o que há de único no ser humano.

Uma outra precaução recomendada diz respeito à necessidade de se considerar a carreira como um fenômeno não linear, portanto, não unívoco, porque comporta diferentes dimensões. Hughes identifica três dimensões. A análise das dimensões da carreira concerne à relação entre o ciclo de vida biológica e ciclo de vida social e supõe a utilização de certo número de conceitos, dentre os quais o de ciclo de vida. Para Hughes, “cada momento de nossa vida coincide igualmente com um evento no curso da história, com uma etapa na carreira das instituições e dos sistemas sociais no quais trabalhamos...”. Isso posto, Hughes (1996, p.175) lança uma crítica implícita ao lugar central que os estudos sobre trajetórias profissionais, realizados por algumas disciplinas, ocupam no desenvolvimento do conceito de carreira. Nesse sentido, reconhece restrito o sentido que K. Mannheim atribuiu à carreira, quando a designou como a progressão de uma pessoa no interior de uma burocracia. Sustenta que “a simples descrição da progressão de uma pessoa de uma escala a outra não esgota a história de uma vida, nem mesmo no setor público” (HUGHES, 1996, 176). O fato de propor um outro sentido ao conceito talvez explique porque estudantes, sob sua orientação, tenham conduzido pesquisa sobre a carreira em ocupações e profissões tão diversas como as de professor primário, piloto de avião, advogado, bombeiro e pescador.

Uma segunda dimensão corresponde ao fato de que o lugar que ocupa uma pessoa na divisão do trabalho pode mudar à medida que a carreira avança¹⁹. Ao longo da vida ativa, um indivíduo experimenta mudanças em relação ao *métier* seja por força de ascensão profissional, seja em função de modificações na organização do trabalho, em razão do desenvolvimento científico e tecnológico. Hughes já anteciparia, ao final dos anos 1950, um fenômeno que somente décadas mais tarde será observado: mudanças importantes em diferentes *métiers* em função do desenvolvimento científico e tecnológico. Assinalaria que, no momento em que escreve, pesquisadores que estudam a carreira e a escolha profissional tomam como premissa que vários “tipos de trabalho tinham uma duração superior à vida de um indivíduo”. Entretanto, “no caso de muitos *métiers*, esta hipótese não é mais válida. As pessoas vêm desaparecer o trabalho que é o seu” (1996, p.184). Ou então, no caso de outros tantos *métiers*, a organização do trabalho evoluiu de tal maneira que, ao longo da vida ativa, se é obrigado a buscar adquirir novos conhecimentos que permitam uma adaptação às mudanças.

Essas mudanças podem trazer conseqüências várias, dentre as quais algumas relativas à escolha profissional. Ao refletir sobre esse aspecto, Hughes escreve: “a escolha inicial de um *métier* não é senão uma das escolhas que se sucedem ao longo de uma carreira ou da maior parte de uma carreira” (1996, p.184).

Hughes observa ainda que cada *métier* é a combinação de uma atividade central com outras secundárias, segundo a natureza e a função, no interior da organização institucional do trabalho. Considera que em cada etapa da carreira

existe um modo de utilização e uma energia próprios às atividades que compõem um *métier*. Hughes concebe que um *métier* comporta um conjunto de atividades, dentre as quais uma é central, em relação a outras, fato que supõe uma hierarquia que repousa sobre valor e prestígio. Apesar disso, não considera uma tarefa fácil a delimitação da atividade central de um *métier*. Tomando como exemplo o professor universitário, observa que enquanto alguns professores a situam no ensino, outros a identificam com a pesquisa. Um mesmo *métier* comporta ainda uma gama de outras atividades, que pode ou não ser reconhecida, o que supõe “uma hierarquia que repousa sobre o valor e o prestígio”. De modo que, “diversas atividades constituem um *métier*” (Hughes, 1996, p.183) Ao fazer referência ainda à atividade de correção de tarefas e trabalhos que cumpre um professor universitário, Hughes (1996, p.180) afirma: “nunca ouvi um professor universitário dizer que era um corretor de trabalhos, ainda que alguns corrijam tantos quantos possam”.

Isso coloca um problema em nível metodológico. O estudo da carreira necessita interessar-se pela análise da escolha profissional, mas também da distribuição do tempo de trabalho entre as diferentes atividades no interior de um *métier*. Não pode negligenciar também a mobilidade das pessoas no sistema de trabalho, o que nos leva a considerar a terceira dimensão da carreira.

A perspectiva proposta por Hughes possibilita a análise das dimensões da carreira, buscando perceber a totalidade de que se constitui a vida ativa de indivíduos. Na verdade, o que ele propõe mesmo é uma compreensão global do fenômeno da carreira. Em definitivo, isso não é tarefa fácil, uma vez que demanda um trabalho coletivo e articulado, partilhado por diversas disciplinas.

19 Hughes considera que os conceitos mais importantes aqui seriam: atividade central, atividade acessória e modo de repartição do tempo e da energia.

5. O método biográfico e interacionismo simbólico

Herdeira da tradição de Chicago²⁰, a corrente interacionista²¹ acordará importância primordial aos processos de atribuição de sentido e de definição de situação, erigidos como princípios metodológicos centrais. Essa corrente reserva, na produção de explicações de eventos biográficos, um lugar de honra para as interpretações que os atores elaboram em situação de interação social. Como observa Charlot (1989, p.90-91):

Os seres humanos agem sobre as coisas com base em significações (of the meanings) que as coisas assumem para eles. Os homens habitam um mundo natural, mas também um mundo social, onde a existência de símbolos, como a linguagem, os torna capazes de atribuir sentido aos objetos. Essa atribuição de sentido, essa interpretação é o que os especifica como humanos e sociais. Os interacionistas, em consequência, se centram (focus on) no mundo das significações subjetivas (subjective meanings) e dos símbolos pelos quais essas significações são produzidas e representadas.

20 “[...] sociólogos formados na Universidade de Chicago entre os anos 1920-1935 não se consideravam herdeiros de uma tradição particular em sociologia. Foi somente mais tarde, durante os anos cinquenta, que a idéia de uma ‘tradição de Chicago’ identificável tomou progressivamente consistência. A visibilidade de tal grupo - sob a denominação de ‘interacionismo simbólico’ - coincide com a publicação de conjunto de estudos reunidos por Arnold Rose em 1962, ‘Human Behavior and Social Processes’, que compreende contribuições de três gerações de pesquisadores formados na Universidade de Chicago, de Ernest Burgess a Howard S. Becker e Erving Goffman, passando, evidentemente, por Hughes et Blumer” (CHAPOULIE, 1996, p.30).

21 Como observa Chapoulie (1996, 31), a expressão *symbolic interactionism* foi uma criação de Herbert Blumer, num texto de 1937 (*Symbolic Interactionism*). Blumer, duvidando da significação dos resultados obtidos por enquêtes por questionários, foi, em sua época, o principal porta-voz dos pesquisadores de campo.

Essa atribuição de sentido aos objetos, através de símbolos é um processo contínuo. A ação não é nem uma simples consequência de atributos psicológicos (tendências, atitudes, personalidades) nem uma simples consequência de fatores externos, como as estruturas e os papéis sociais. Ela “resulta de um processo contínuo de atribuição de sentido que está sempre emergindo sob a forma de fluxo e tema da mudança”.²²

Peneff (1990, p.57), por sua parte, adverte que

“[...] insistindo sobre a situação, sobre a percepção de outro, sobre a relação face-a-face na interação mais que sobre a história do encontro, como momento de duas trajetórias ou sobre o contexto social que permitiu a situação estudada, os interacionistas deixam de lado as experiências passadas dos indivíduos, suas expectativas e sua avaliação das perspectivas futuras”.

Encontra-se, aqui, talvez, a explicação para o fato de que esta corrente não tenha produzido biografia e utilizado a autobiografia em suas pesquisas, como ocorreu a seus predecessores. O que não impediu que a corrente não tivesse dado uma consistente contribuição ao desenvolvimento da abordagem em questão em virtude do interesse teórico e metodológico que nutriam interacionistas da estirpe de Becker e Goffman em relação à carreira e ao

22 Bernard Charlot (1989, p.90) analisa as ideias básicas da Antropologia e situa entre as teses centrais de Georges Mead o seguinte: “Existem dois tipos de interações entre humanos: simbólicas e não simbólicas. Uma grande parte da interação humana é simbólica, o que quer dizer que ela inclui a interpretação. Quando pessoas interagem, constantemente interpretam seus atos e os dos outros, reagem, interpretam novamente, reagem de novo e assim por diante. Nos atos sociais, certo número de indivíduos age em conjunto, partilha a construção do que acontece, construindo uma definição da situação”.

itinerário, explorados em seus trabalhos de investigação²³.

Como dissemos anteriormente, no que concerne à contribuição para o desenvolvimento metodológico da história de vida, alguns autores interacionistas buscam chamar atenção para a “definição de situação”, isto é, para o momento mesmo em que tem lugar a coleta do relato. Ao lançar o foco da reflexão sobre as condições de produção, os sociólogos dessa corrente explicam que contar vida a um desconhecido é produzir um discurso de circunstância, em que a situação da entrevista desempenha um papel importante. Um discurso varia em função da situação da entrevista e da interação verbal com o entrevistador. Nessa perspectiva, a relação entrevistado/entrevistador ganha destaque e parece ter maior importância que a relação do indivíduo com a memória em situação de relato de vida, questão que, contrariamente, interessará, mais tarde, à história oral²⁴ e à sociologia clínica²⁵. O discurso que o narrador (entrevistado) fornece sobre si mesmo face ao seu auditor (entrevistador), geralmente desconhecido, estaria influenciado pela definição de situação em si, segundo essa perspectiva.

23 Por exiguidade de espaço, não exporemos aqui, de forma mais longa, a contribuição de Erwin Goffman, que reputamos importante para o tema aqui tratado. Ele será objeto de uma pequena nota ao final desta parte.

24 De forma a analisar a memória, a história oral emprestará grande importância ao fato de que os indivíduos, ao reconstruírem seu passado, visando compor seus relatos de vida, selecionam, entre diversos eventos, os que estimam significativos e passíveis de virem a público. Nesse sentido, a produção do relato de vida tende a constituir-se no discurso que convém ao locutor. (Montenegro, 1992).

25 De Gaulejac (1988, p.7) admite que a memória funciona por meio de um jogo de duas forças psíquicas contraditórias: a amnésia e a lembrança. Essas duas forças agem em sentido oposto, o que faz da memória “matéria” manipulável. O indivíduo, que a isso recorre para contar sua história, opera triagem, uma seleção de material simbólico que se constituirá em lembrança ou esquecimento.

Questões que envolvem a relação entre narrador e auditor tendem a pesar fortemente na produção do relato. É nesse sentido, e com razão, que os interacionistas sublinham que ao produzir relatos de vida o presente se superpõe ao passado, fazendo com que não se possa entender uma narrativa como sendo igual ao acontecido no tempo, mas expressando o acontecido no tempo recomposto (DE GAULEJAC, 1988).

Como já assinalamos, quanto à corrente herdeira da tradição de Chicago, fica notória entre os trabalhos filiados ao interacionismo a ausência de biografias e autobiografias. No entanto, essa segunda geração de sociólogos de Chicago atribui grande interesse ao estudo de itinerários ou da progressão de pessoas ao longo da vida ou de parte desta (HUGHES, 1996, p.175). Tal interesse pode ser atribuído à influência das pesquisas e aos ensinamentos de Hughes, que é o responsável por uma parte dos elementos de base dessa sociologia (CHAPOULIE, 1996, p.13).

Uma das expressões intelectuais maiores dessa corrente foi Howard Becker. Seus estudos sobre os professores primários de escolas públicas de Chicago²⁶ e sobre fumantes de *marijuana* e músicos de *jazz* são fundamentais para aqueles que se interessam pelos temas da “carreira” e do “desvio”²⁷. No estudo sobre os professores primários, Becker retoma a definição de carreira de Oswald Hall²⁸, citado por Xavier de Brito (1991, p.287), a qual junta à ideia

26 BECKER, H. S. The Career of the Chicago Public School Teacher. In: *Sociological Work. Method and Substance*. Chicago. Aldine Publishing Company, 1970.

27 BECKER, H. S. *Outsiders. Études de sociologie de la déviance*. Paris: A.M. Métailé, 1985.

28 Oswald Hall realiza um estudo sobre os estágios e a organização informal da carreira médica. Para Hall, uma carreira pode ser concebida como um conjunto de ajustamentos em relação às instituições e organizações formais e informais em que se pratica a profissão, feito de forma mais ou menos exitosa.

de dimensão horizontal. Carreira é então definida como

uma série de ajustamentos normatizados, realizados por um indivíduo numa rede de instituições e organizações formais e de relações informais, no seio da qual a ocupação é exercida. Essa série de ajustamentos é considerada em termos movimentos para cima e para baixo, entre posições diferenciadas no interior de uma hierarquia formal ou informal de prestígio, influência ou renda.

A noção de “carreira” é utilizada, por outro lado, em estudos sobre desvio, fenômeno, como observa Becker, que designa o cometimento de uma transgressão, isto é, “um ato não conforme um sistema particular de normas”. Becker propõe o conceito de “carreira desviante”, inscrito no que denominou de modelo sequencial de desvio²⁹. O modelo sequencial é proposto em oposição ao modelo sincrônico de análise da formação dos comportamentos humanos, acusado de conter insuficiências de ordem metodológica. Isso o leva a defender a necessidade de se construir um “modelo que leve em conta o fato de que os modos de comportamento se desenvolvem segundo uma sequência ordenada” (1985, p.46), permitindo ainda considerar a sucessão de fases, as mudanças de comportamento e de perspectivas do indivíduo.

Becker (1985) avança sua crítica também em relação às análises multivariadas (na verdade, todas as causas não agem ao mesmo tempo), rompendo com a perspectiva linear de carreira. Propõe, então, a ideia de que cada fase da carreira requer uma explicação,

29 O instrumento principal de pesquisa do modelo sincrônico é a análise multivariada. Essa análise “pressupõe que todos os fatores que contribuem para produção do fenômeno estudado, agem simultaneamente”. Ela “busca descobrir a variável ou a combinação de variáveis que ‘predirá’ melhor o comportamento estudado” (BECKER, 1985, p.46).

e uma causa agindo durante uma das fases da sequência pode ter uma importância desprezível durante outra fase. Observa, por outro lado, a importância de cada explicação para a compreensão do comportamento final, dado que sugere a intenção de uma visão integral de carreira³⁰.

Chama atenção a definição de carreira como uma sequência ordenada, sucessão de fases, de mudanças de comportamento e de perspectivas do indivíduo. Ela engloba as ideias de evento e circunstância, que tocam a carreira em sua dimensão objetiva, mas igualmente a de perspectiva, de motivação e de desejo do indivíduo, estas dizendo respeito à dimensão subjetiva.

Por fim, e apesar do fato de não podermos contabilizar biografias na produção intelectual dos interacionistas, não há como ignorarmos a importante contribuição teórica e metodológica à abordagem biográfica

30 No caso do estudo sobre os fumantes de *marijuana*, Becker (1985, p.46) escreve: “Por exemplo, são necessários tipos deferentes de explicação para se analisar porque uma pessoa vem a se encontrar em situação de buscar a *marijuana*, porque, essa pessoa, uma vez nessa situação, vai querer, ela mesma, experimentar a droga, e enfim, porque tendo feito esta experiência, ela continua a consumi-la”.

Na mesma linha de análise proposta por Becker, Erwin Goffman interessa-se pelo conceito de carreira entendido como “carreira moral” e “itinerário moral”. Goffman empresta a carreira, cujo entendimento é encontrado em seus estudos sobre os estigmatizados (1975) e os doentes mentais (1968), um sentido amplo em que a ideia de progressão se confunde com a de curso da vida. Assume ainda um duplo significado, correspondendo, de um lado, a “significações íntimas que cada um mantém preciosa e secretamente da imagem de si e do sentimento em relação a sua própria identidade; de outro lado, refere-se à situação oficial do indivíduo, às suas relações de direito e a seu gênero de vida nos quadros das relações sociais” (GOFFMAN, 1968, p.179-180). Em seu estudo sobre os estigmatizados, representados pelos portadores de *handicap*, essa mesma perspectiva de carreira se encontra presente, desta feita sob o nome de “itinerário moral”. “As pessoas afligidas por um estigma passam, em geral, uma mesma experiência e conhecem evoluções semelhantes quanto à ideia que fazem de si mesmas, percorrem, em outros termos, um mesmo itinerário moral...” (1975, p.45).

trazida tanto pela sociologia de Hughes como pelos trabalhos de interacionistas como Becker e Goffman¹.

Considerações finais

A abordagem biográfica tornou-se um importante instrumento da pesquisa educacional e da formação de professores. Suas origens remontam à sociologia da Escola de Chicago. O uso de relatos de vida, sob a forma de biografias e autobiografias, na pesquisa social como na formação, bem

como a construção de noções e conceitos fundamentais à análise de narrativas que tomam a vida como objeto é registrado em vários dos seus estudos. Com a inclusão da abordagem biográfica em seu repertório metodológico, a pesquisa educacional pode desvelar aspectos de esferas e dimensões do fenômeno educativo que haviam permanecido obscuros. Portanto, o conhecimento do itinerário histórico dessa abordagem pode possibilitar entender como seus fundamentos, seus conceitos, suas pistas de pesquisa evoluíram ao longo do tempo.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 113, jul. 2001, 39-50.

ANDRÉ, Marli Elisa D. **Pesquisa em educação**: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 113, jul. 2003, 51-64.

ANTÔNIO, Ana Sofia. Histórias de vida: auto-representações e construção das identidades docentes. In TEODORO, Antônio. **Histórias (re)construídas**. S. Paulo: Cortez, 2004, 97-119.

BECKER, Howard S. **Outsiders. Études de sociologie de la déviance**. Paris: A.M. Métailé, 1985.

BERTEAUX, Daniel. Fonctions diverses des récits de vie dans le processus de recherche. Paris : Sociétés. **Revue de Sciences Humaines et Sociales**, nº 18, mai 1988, 18-25.

BLANCHET, A.; GOTMAN, A. **L'enquête et ses méthodes** : l'entretien. Paris : Editions Nathan, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique**. Actes de la recherche en sciences sociales, nº 62/63, juin 1986, 69-72.

CHAMPAGNE, Patrick. La vision médiatique. In BOURDIEU, Pierre. (sob a direção

de) **La misère du monde**. Paris: Editions du Seuil, 1993, 61-79.

CHANFRAULT-DUCHET, M-F. Le système interactionnel des récits de vie. Paris : Sociétés. **Revue de Sciences Humaines et Sociales**, nº 18, mai 1988, 26-31.

CHAPOULIE, J-M *E.C.* **Hughes et la tradition de Chicago**. Le regard sociologique. Essais choisis. Paris. Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996, 13-57.

CHARLOT, Bernard. L'ethnographie de l'école dans les travaux britanniques. **Pratiques de formation**. Paris, nº 18, dez. 1989, 87-106.

DE GAULEJAC, Vincent ; ROY, Shirley (eds). **Les sociologies cliniques**. Paris : Desclé et Broussier, 1993.

DE GAULEJAC, Vincent. L'histoire de vie ou le temps recomposé. Paris: Sociétés. **Revue de Sciences Humaines et Sociales**, nº 18, mai 1988, 5-7.

DITISHEIM, Mona. Le travail de l'histoire de vie, formation ou thérapie ? Montreal: **Revue de Sciences de l'Éducation**, 1993, 295-304.

GATTI, Bernadete. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 44, fev. 1983, 3-17.

_____. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

_____. Retrospectiva da pesquisa em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, vol. 68, nº 159, maio-agosto 1987, 279-288.

GOUVEIA, Aparecida Joly. Pesquisa Educacional no Brasil: de 1970 para cá. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 19, dez. 1976, 75-79.

HUGHES, Everett Cherrington. *Carrières, cycles et tournants de l'existence*. In: _____. **Le regard sociologique. Essais choisis**. Paris: Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996a.

_____. *Carières*. In : _____. **Le regard sociologique. Essais choisis**. Paris: Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996b.

LECLERC-OLIVE, Michelle. *Les événements biographiques*. In DE GAULEJAC, Vincent e ROY, S. **Les sociologies cliniques**. Paris: Desclé et Browns, 1993, pp. 275-286.

LE-GRAND, Jean Louis. *Histoire de vie en groupe. À la recherche d'une lucidité méthodologique*. Paris : **Sociétés. Revue de**

Sciences Humaines et Sociales, nº 18, mai 1988, 3-4.

LUDKE, Menga. Como anda o debate sobre metodologias quantitativas e qualitativas na pesquisa em Educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 64, fev. 1988, 61-64.

MONTENEGRO, Antonio T. **História oral e memória**. A cultura popular revisitada. S. Paulo: Ática, 1992.

PENEFF, Jean. **La méthode biographique**, Paris: Armand Colin, 1990.

PLAISANCE, Eric. *Biographie et recherche en Sciences Sociales*. In HASSENFORDER, Jean. **Chercheurs en Éducation**. Paris: INRP/L'Harmattan, 1992, 327-340.

TEODORO, António. **Histórias (re)construídas**. S. Paulo: Cortez, 2004.

WEBER, Silke. **Políticas de Ensino Superior: perspectivas para próxima década**. Avaliação. Belo Horizonte: FE/UFMG, 1999.

XAVIER DE BRITO, Ângela. **Construction de l'espace de formation brésilien et études à l'étranger. Stratégies et 'carrière morale' des étudiants brésiliens dans l'université française. 1960-1986**. 1991. Thèse (Doctorat en Sciences de l'Éducation), 1991. Université Paris V – René Descartes, Paris, 1991.

Sobre os autores

José Batista Neto. Doutor em Ciências de Educação pela Universidade Paris V-René Descartes/UER de Ciências da Educação, membro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-UFPE, atuando na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica.
E-mail: josebn@uol.com.br

Eliete Santiago. Doutora em Ciências de Educação pela Universidade Paris V-René Descartes/UER de Ciências da Educação, membro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-UFPE, atuando na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica.
E-mail: mesantiago@uol.com.br

Recebido em: 15/10/2014

Aceito para publicação em: 10/11/2014